



CURSOS RÁPIDOS DE FOTOGRAFIA: UMA ANÁLISE DO ENSINO EM TEMPOS DE SMARTPHONES

SHORT PHOTOGRAPHY COURSES: AN ANALYSIS OF TEACHING IN THE AGE OF SMARTPHONES

Mirella de Menezes Migliari ¹

Ricardo Pimentel ²

RESUMO

Este artigo apresenta a coleta de dados realizada para o trabalho intitulado Memória da Roda Cultural do Terreirão: projeto de capacitação visual para registros da memória de um evento do Hip Hop carioca. A pesquisa visava a montagem de um curso itinerante de iniciação fotográfica ministrado sobre câmeras de smartphones, oferecido à comunidade do evento de Hip Hop Roda Cultural do Terreirão, na Zona Oeste do Rio. O curso tinha como objetivo a preservação da memória visual desse evento, através da capacitação dos participantes, para que assim produzissem um banco de imagens colaborativo que viesse a ser fonte de pesquisa e de materiais para divulgação artística daquela comunidade. São apresentados dados colhidos, e sistematizados, sobre programas de cursos fotográficos pré-existentes para a avaliação de conteúdos e das melhores práticas que pudessem assim servir de modelo ao projeto de capacitação proposto. Além disso, o artigo abordará outros aspectos fundamentais do ensino da fotografia que permanecem intactos apesar da tecnologia *mobile*. A metodologia aplicada à coleta de dados foi pesquisa documental em programas de cursos de fotografia pela internet.

Palavras-chave: Cursos rápidos de fotografia. Câmeras de smartphones. Memória da Roda Cultural do Terreirão.

¹ Professora Titular 1 da ESPM Rio. Doutora em Design (Puc-Rio). Ladeira da Glória, 26 - Glória, Rio de Janeiro – RJ. CEP. 22211-120. ESPM Rio. E-mail: mirella.migliari@gmail.com.

² Professor de fotografia. Mestre em Gestão da Economia Criativa (ESPM, Rio). Ladeira da Glória, 26 - Glória, Rio de Janeiro – RJ. CEP. 22211-120. ESPM Rio. E-mail: ricardopimentelfoto@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Durante o século XX diversas tecnologias foram se sucedendo para gerar um volume de imagens jamais antes visto, a fim de torná-lo o mais documentado visualmente da história da humanidade. Já no seu quarto final, o século XX assistiu ao surgimento de mais uma inovação, que veio a mudar decisivamente os rumos das produções visuais. Com a digitalização, atingiu-se o ideal dos precursores das captações de imagens estabilizadas sobre suportes rígidos no sentido de popularizar os meios de registros. O novo processo alcançou este feito, inclusive, eliminando pela primeira vez na história da produção de imagens fotográficas os próprios suportes físicos. A partir da inclusão de câmeras em dispositivos móveis, como telefones celulares, um instrumento poderoso de comunicação chegou de fato às mãos dos indivíduos das classes sociais de baixa renda, e possibilitou que fossem reais produtores de conteúdos variados. A era da informação trouxe assim muitas tecnologias e possibilitou a estes mesmos cidadãos exprimirem suas características mais peculiares e as divulgarem para os recantos mais distantes do mundo, através dos sites de redes sociais instalados na *world wide web*. É o efeito que autores como Bertini (2008) chamam de “Glocal”, ou o local que alcança o global.

Dentro desta perspectiva o projeto de mestrado profissional “Memória da Roda Cultural do Terreirão: projeto de capacitação visual para registros da memória de um evento do Hip Hop carioca” teve em vista a preservação da memória desse movimento de arte de rua jovem e ideologicamente engajado, e que até então não dispunha de um instrumento que garantisse a preservação de seus valores culturais e, principalmente, de seus produtos audiovisuais. A partir do levantamento de dados sobre as características de programas de cursos de iniciação fotográfica existentes até aquele momento, especialmente os voltados para câmeras instaladas em *smartphones*, além das observações sobre as expressões artísticas e culturais daquele grupo de personagens urbanos - ligados ao movimento Hip Hop - foi possível pensar um programa educacional para essa realidade. Os dados obtidos foram analisados a fim de se propor um curso rápido de capacitação fotográfica, que se adequasse



às necessidades deste público e trouxesse estímulo e qualidade para a produção de imagens visando a preservação da memória visual do evento, entregando como materialidade um programa ágil, que pudesse ser facilmente replicado para outras unidades. Um programa de curso que trabalhasse sobre técnicas básicas da linguagem fotográfica, utilizando conteúdos já desenvolvidos e disponibilizados na internet, como os aplicativos para as câmeras de dispositivos móveis que hoje proliferam. Considerando-se a quantidade de aparelhos existentes, já se apresenta uma proporção de quase uma câmera por portador dos chamados *smartphones*, o que garante equiparação tecnológica entre os participantes do curso. Importante ressaltar a possibilidade de oferecer, com o curso proposto, a formação de um olhar crítico, atento, até subversivo quando ligado a produtos visuais, conforme propôs Barthes (1980), criando um instrumento de empoderamento capaz de conscientizar pela informação, unindo arte e educação como os principais pilares e conceitos da cultura da qual fazem parte.

2 METODOLOGIA

O projeto de curso idealizado destinou-se à capacitação de indivíduos para a preservação da memória do movimento *Hip Hop*, através da preparação e teste de um programa de curso de iniciação fotográfica para usuários de *smartphones*, que trouxesse motivação, melhoria e volume de produções visuais aos participantes e, principalmente, a capacidade de expressão de percepções subjetivas. Assim, uma primeira pesquisa documental em ambiente virtual foi desenvolvida a partir da leitura e compilação de dados coletados em programas de cursos de fotografia existentes, considerando-se tanto os cursos em modelo presencial quanto à distância, e especialmente aqueles voltados para câmeras instaladas em celulares.

A partir da análise deste levantamento houve um melhor entendimento a cerca do que vem sendo oferecido por especialistas do ramo da fotografia, esclarecendo questões, como por exemplo: quais os conteúdos programáticos comuns à maioria deles e que não devem



faltar num novo curso, pois são aqueles conteúdos que podem ser considerados essenciais ao ensino da fotografia como forma e meio de expressão pessoal. Este estágio da pesquisa pôde atestar sobre o ineditismo do curso proposto, em formato itinerante, sendo esta uma característica imprescindível pois o movimento Hip Hop encontra-se bastante disseminado pelos bairros e recantos da cidade, e pretende-se que seus respectivos eventos sejam portas de entrada para o curso nas diversas comunidades onde acontecem.

A pesquisa identificou quinze cursos a fim de que pudessem ser comparados – sendo quatorze propostos por instituições brasileiras, e um proposto por instituição portuguesa, a saber:

1. EDUK (SP) (<https://www.eduk.com.br>)
2. Alura (<https://www.alura.com.br>)
3. Cara da foto (<http://caradafoto.com.br>)
4. Saibalá (<https://www.saibala.com.br>)
5. Ateliê da Imagem (RJ) (<https://www.ateliedaimagem.com.br>)
6. SENAC (RJ) (<https://www.rj.senac.br/cursos/fotografia/>)
7. ABAF (<http://www.abaf.art.br/index.php/cursos>)
8. CIF Curso Itinerante de Fotografia (<https://cif.46graus.com>)
9. Studio Escola Básico (MG) (<https://www.studioescola.com>)
10. Studio Escola Completo (MG) (<https://www.studioescola.com>)
11. Academia Olhares (Portugal) (<https://olhares.sapo.pt/academia>)
12. Prezi com Fernanda Eggers (<https://prezi.com/16diqoowdhgo/curso-de-fotografia-com-smartphone>)
13. Câmera Criativa (SC) (<https://cameracriativa.com.br>)



14. Guaja (BH) (<https://guaja.cc/cursos>)

15. WIS Educação (Vitória) (<https://wiseducacao.com.br>)

3 COLETA DE DADOS SOBRE CURSOS RÁPIDOS DE FOTOGRAFIA

A pesquisa documental compilada a seguir trabalhou sobre programas de cursos de fotografia já existentes encontrados através de buscas na internet, que mostrassem semelhanças estruturais entre conteúdos e assim pudessem ser utilizados para estruturar o programa do curso proposto, com material de base colhido junto a quem detém conhecimento adquirido e testado sobre o assunto, mas, acima de tudo para poder apontar possíveis percepções de diferenciais para o novo programa. A análise feita mostrou recorrência de determinados conteúdos nos programas pesquisados, confirmando a suposição de que qualquer curso de fotografia eficaz e minimamente completo deverá tratar de alguns temas e conteúdos comuns e que têm se mostrado importantes para a formação e desenvolvimento de fotógrafos ao longo do tempo. A sequência de quadros e gráficos que segue pode confirmar a tendência citada pela compilação de dados das principais características e de conteúdos dos programas analisados.

O Quadro 1 (dividido em duas partes) mostra as principais características qualitativas de 15 (quinze) programas de cursos de Fotografia de origem brasileira, tanto presenciais quanto online, localizados em buscas na internet.

Quadro 1 - Dados qualitativos de 15 cursos de destaque, para compilação de dados

| INSTITUIÇÃO DE ENSINO | NÍVEL | REMUNERAÇÃO | CARGA HORÁRIA | MODELO |
|-----------------------|--------|-------------|----------------|--------|
| EDUK (SP) | Básico | Gratuito | 6 H | Online |
| ALURA | Básico | Pago | 8 H | Online |
| CARA DA FOTO | Básico | Gratuito | Indeterminada | Online |
| SAIBALÁ | Básico | Pago | 3 H por módulo | Online |

| | | | | |
|--------------------------------------|-----------|----------|-----------------|---------------|
| ATELIÊ DA IMAGEM | Iniciação | Pago | 30 H | Presencial |
| SENAC RJ | Básico | Gratuito | 16 H | Presencial |
| ABAF | Iniciação | | 30 H | Presencial |
| CIF – CURSO ITINERANTE DE FOTOGRAFIA | Básico | Pago | 24 H | Presencial |
| STUDIO ESCOLA (MG) | Básico | Gratuito | 3 H 30 MIN. | Indeterminado |
| STUDIO ESCOLA (MG) | Completo | Pago | 10 H por módulo | Presencial |
| ACADEMIA OLHARES | Básico | Pago | 15 H | Online |
| PREZI COM FERNANDA EGGERS | Básico | Pago | 15 H | Online |
| CÂMERA CRIATIVA (SC) | Básico | Pago | 9 H | Presencial |
| GUAJA (BH) | Básico | Pago | 10 H | Presencial |
| WIS EDUCAÇÃO | Básico | Pago | 7 H | Presencial |

Quadro 1 (Continuação) - Segunda metade com dados qualitativos dos 15 cursos pesquisados, completando tabela anterior

| INSTITUIÇÃO DE ENSINO | MATERIAL DIDÁTICO DISPONIBILIZADO | CERTIFICADO | ESTRUTURA FÍSICA | PRÉ REQUISITOS |
|-----------------------|--|--------------|------------------|-----------------------|
| EDUK (SP) | Acesso ilimitado a vídeos | Sim | Sim | Não |
| ALURA | Acesso a 155 min. de vídeos por um ano | Sim, digital | Sim | Smartphone |
| CARA DA FOTO | Tutoriais irrestritos | Não | Não | Smartphone |
| SAIBALÁ | Vídeos e comunidades por um ano | Não | Não | Smartphone |
| ATELIÊ DA IMAGEM | 10 aulas internas e 2 externas | Sim | Sim | Disponibiliza câmeras |
| SENAC RJ | 5 aulas de 3 H com forte ênfase em informática aplicada à fotografia | Sim | Sim | Smartphone |

| | | | | |
|--------------------------------------|---|-----|-----|-----------------------------|
| ABAF | 10 aulas de 3 H – uma prática | Sim | Sim | Não |
| CIF – CURSO ITINERANTE DE FOTOGRAFIA | Palestra de abertura gratuita | Sim | Sim | Smartphone |
| STUDIO ESCOLA (MG) | intensivo | Não | Sim | Disponibiliza câmeras |
| STUDIO ESCOLA (MG) | 5 aulas de 2 H e curso dividido em 2 módulos de iguais cargas | Sim | Sim | Ter cursado o 1º módulo |
| ACADEMIA OLHARES | Vídeos por um ano | Sim | Não | Conhecimento de informática |
| PREZI COM FERNANDA EGGERS | Vídeo-aulas | Não | Não | Smartphone |
| CÂMERA CRIATIVA (SC) | 3 aulas de 3 H | Sim | Sim | Smartphone |
| GUAJA (BH) | Aulas no fim de semana | Não | Sim | Smartphone |
| WIS EDUCAÇÃO | Aula num único dia | Não | Sim | Smartphone |

Fonte: Pesquisa documental em programas de cursos de foto pela internet, maio de 2017.

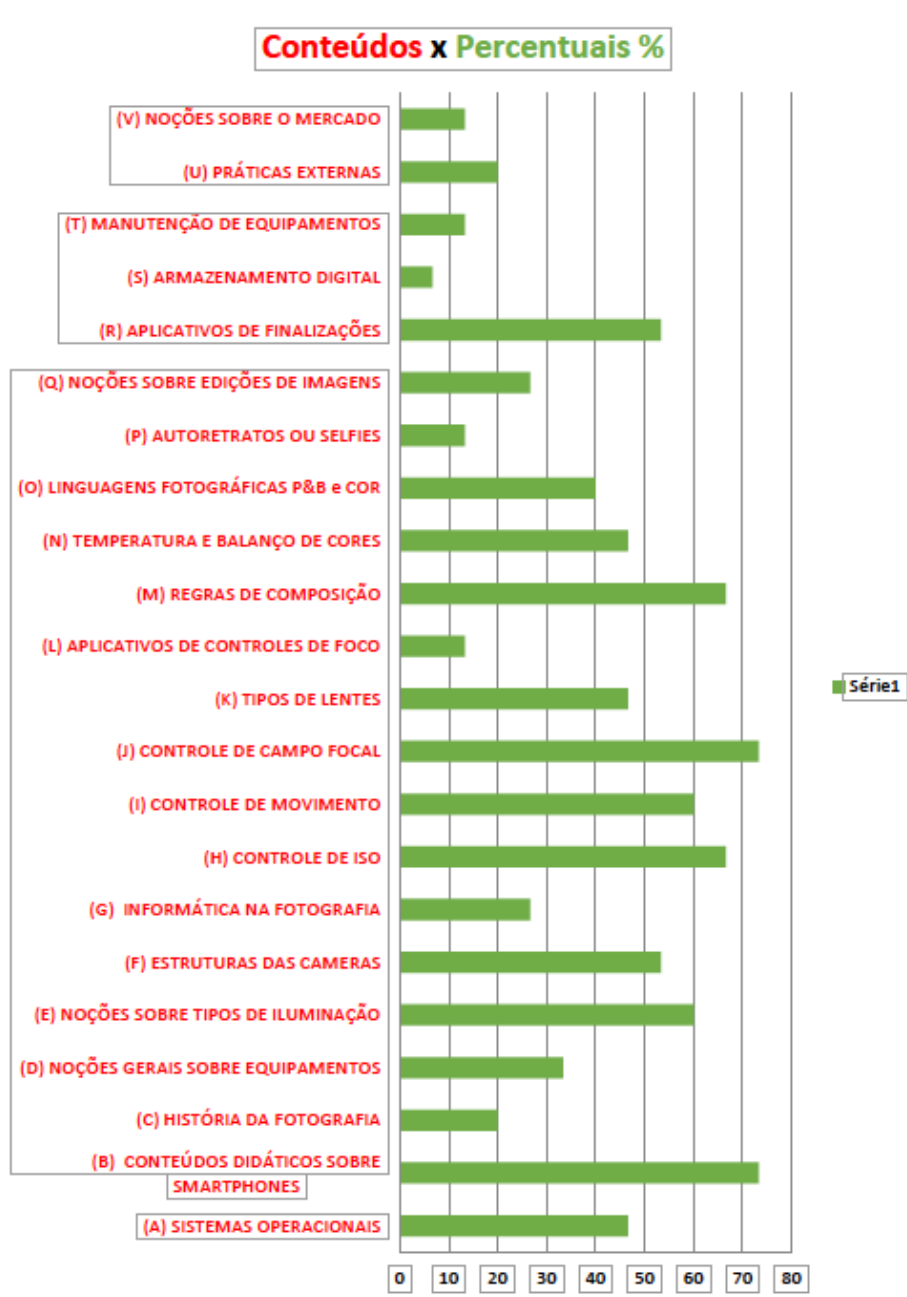
No intuito de facilitar a visualização dos dados e possibilitar a percepção de quais conteúdos são mais recorrentes nos programas analisados, têm-se os Quadros 3 e 4 abaixo. Vão mostrar primeiramente os respectivos percentuais de aparições de cada conteúdo em meio aos quinze programas investigados e, em seguida, o gráfico de barras gerado a partir destes percentuais e que deixa bem clara a comparação entre os dados.

Quadro 3 – Conteúdos programáticos *versus* percentuais de aparições nos 15 programas analisados

| CONTEÚDOS | APARIÇÕES EM PERCENTUAIS (%) |
|---|------------------------------|
| (A) SISTEMAS OPERACIONAIS | 46,6 |
| (B) CONTEÚDOS DIDÁTICOS SOBRE SMARTPHONES | 73,3 |
| (C) HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA | 20 |
| (D) NOÇÕES GERAIS SOBRE EQUIPAMENTOS | 33,3 |
| (E) NOÇÕES SOBRE TIPOS DE ILUMINAÇÃO | 60 |
| (F) ESTRUTURAS DAS CÂMERAS | 53,3 |
| (G) INFORMÁTICA NA FOTOGRAFIA | 26,6 |
| (H) CONTROLE DE ISO | 66,6 |
| (I) CONTROLE DE MOVIMENTO | 60 |
| (J) CONTROLE DE CAMPO FOCAL | 73,3 |
| (K) TIPOS DE LENTES | 46,6 |
| (L) APLICATIVOS DE CONTROLE DE FOCO | 13,3 |
| (M) REGRAS DE COMPOSIÇÃO | 66,6 |
| (N) TEMPERATURA E BALANÇO DE CORES | 46,6 |
| (O) LINGUAGENS FOTOGRÁFICAS EM P&B E COR | 40 |
| (P) AUTORETRATOS OU SELFIES | 13,3 |
| (Q) NOÇÕES SOBRE EDIÇÕES DE IMAGENS | 26,6 |
| (R) APLICATIVOS DE FINALIZAÇÕES | 53,3 |
| (S) ARMAZENAMENTO DIGITAL | 6,6 |
| (T) MANUTENÇÃO DE EQUIPAMENTOS | 13,3 |
| (U) PRÁTICAS EXTERNAS | 20 |
| (V) NOÇÕES SOBRE O MERCADO | 13,3 |

Fonte: Pesquisa documental em programas de cursos de foto pela internet, maio de 2017.

Quadro 4 – Gráfico de barras com percentuais de aparições de cada conteúdo dentro do conjunto de cursos analisados. Total de cursos: 15=100%



Fonte: Pesquisa documental em programas de cursos de foto pela internet, maio de 2017.

4 ANÁLISE DOS DADOS APRESENTADOS

De início, a pesquisa documental revelou a inexistência de cursos itinerantes de fotografia - apesar de um dos cursos pesquisados trazer a palavra “itinerante” em seu nome, o curso em si é em sede fixa - o que configurou-se num diferencial para o novo curso a ser proposto como decorrência dessa pesquisa. A primeira análise dos dados mostra que como conteúdo de abertura, pela recorrência com que surgem nos programas analisados, está a necessidade de fazer com que os interessados conheçam e se ambientem com as respectivas tecnologias as quais eles dispõem. Em se tratando de fotografia, a intermediação de tecnologia sempre foi e continua sendo essencial para que ela se consume. No caso das tecnologias fotográficas voltadas para smartphones, seus desenvolvimentos têm sido tão acelerados que é possível dizer que seus ciclos de mudança se renovam a cada seis meses, o que torna a obsolescência de toda a cadeia produtiva rápida demais, inclusive dos programas de cursos oferecidos. A obsolescência programada dos aparelhos é certamente uma das barreiras a ser transposta e que poderá obrigar o curso a uma constante atualização. Uma vantagem advinda deste frenesi tecnológico é que para estes aparelhos existem já desenvolvidos um sem número de aplicativos para operar ao longo de todo o fluxo produtivo da fotografia, desde a captação das imagens, passando depois por todas as etapas de pós-processamento, ou do “laboratório digital” como podemos chamar esta fase, fazendo uma analogia ao laboratório químico da fotografia tradicional em películas.

Um segundo conteúdo decorrente dessa disponibilidade de ferramentas recai, assim, na pesquisa e na escolha de determinados aplicativos existentes que possam, uma vez combinados, fazer com que o conteúdo tradicional da técnica fotográfica seja transmitido e, conseqüentemente assimilado, através dos celulares de cada aluno, aumentando assim a integração desejada dos detentores dos instrumentos com suas respectivas tecnologias, fazendo com que estas se aproximem das estruturas das câmeras tradicionais. Neste ponto, o programa deverá incluir também noções e buscas por aplicativos que atendam aos dois principais sistemas operacionais dos smartphones - Android e iOS. Essas ferramentas



selecionadas, por estarem contidas na rede, estarão disponíveis desde que a grande barreira do acesso individual à internet seja transposta. Portanto esta barreira poderá ser um problema futuro e recorrente a ser resolvido quando da multiplicação do curso itinerante para outras localidades, conforme se pretende.

Alguns conteúdos tradicionalmente fotográficos mostram sua extrema relevância no ensino da matéria, na medida em que aparecem em todos os programas pesquisados.

4.1 A Luz Na Fotografia

Desde o seu surgimento, o processo fotográfico foi obrigado a lidar com suportes rígidos de várias naturezas para realizar suas captações. E de acordo com as formulações químicas utilizadas nas emulsões aplicadas aos suportes, variava a sensibilidade destes ao registro da luz. Para diferenciar cada emulsão das demais em termos de sensibilidade à luz, um número específico lhe era aplicado. Quanto maior fosse este número, maior era sua sensibilidade, ou seja, o registro da luz se daria de maneira mais rápida. Com a digitalização os suportes rígidos desapareceram pela primeira vez na história da Fotografia, mas a característica de diferenciação de sensibilidade à luz se mantém até hoje no processo digital e cada sensibilidade é marcada por um número que leva a sigla ISO, abreviação da instituição internacional que afere padrões de qualidade, a International Standard Organization. Toda imagem fotográfica tem que lidar na sua origem com a questão da sensibilidade do captador à situação de luz vigente no momento da captura. Portanto, este conteúdo é essencial e deve ser um dos primeiros a ser transmitido em qualquer curso fotográfico, em especial no nosso curso rápido, pois os eventos do Hip Hop acontecem em geral em situações de luz bastante desfavoráveis, como mostra a figura 1 abaixo:



Figura 1 - Foto nas condições de luz da RCT



Fonte: Arquivo pessoal de Ricardo Pimentel, maio 2015.

A matéria prima da fotografia é a luz. Sem ela não há possibilidade de visão e, por consequência, não há possibilidade de fotografia. Havendo luz num ambiente, por mais tênue que seja, haverá possibilidade de ambas – visão e registro dela, em decorrência. Para controlar a quantidade de luz adequada que deve chegar ao captador, os equipamentos fotográficos dispõem de dois controladores específicos. Um deles opera sobre os intervalos de tempo que o captador ficará exposto e que deve ser combinado a outro, que faz variar a quantidade de luz que entra no sistema através da alteração do calibre de uma íris instalada dentro das lentes. Conforme o diâmetro selecionado para passagem de luz nesta íris, uma alteração na aparência do campo de foco das imagens será obtida.

Desta maneira, podemos depreender serem três os conteúdos decorrentes que são fundamentais ao entendimento do produto fotográfico. A partir da compreensão da função e escolha dos números ISO, deve vir a reboque o entendimento sobre o controle de tempos de exposição, que combinado ao controle de aberturas das íris: diafragmas das lentes, como esse controle é mais conhecido, fará o controle completo de luz em relação ao ISO escolhido inicialmente. Estas três variáveis são complementares e fazem todo o jogo técnico a serviço



da expressão fotográfica. Podemos considerar, portanto, que o controle de iluminação é feito através de um triângulo de funções, que muitos autores, dentre eles Freeman (2015), batizaram como “Triângulo de Exposição”, tendo num dos seus vértices os números ISO, no segundo o controle de tempos de exposição e fechando a figura, com o controle de aberturas dos diafragmas das lentes no terceiro vértice.

4.2 O Tempo Na Fotografia

Falar sobre o tempo é, no fundo, falar sobre qualquer imagem que tenha sido produzida de maneira eficiente na história da Fotografia. Barthes (1980) nos mostrou que existe uma punção de morte em cada fotografia. Um instante flagrado repentinamente perde sua mobilidade e tridimensionalidade, tornando-se imagem estática e, metaforicamente falando, morta e achatada na superfície plana da imagem fotografada. Aquele momento, que teve sua sequência natural na vida cotidiana, seguido por outros acontecimentos, jamais poderá ser reproduzido integralmente tal qual ocorreu, pois será um tempo passado. Paradoxalmente, no entanto, ele retorna cada vez que tivermos a imagem fotográfica daquele instante em nossas mãos. Através da fotografia, aquele instante perdido ressuscita e, mais que isso, ganha a possibilidade de reprodução irrestrita, já que a fotografia pode ser copiada quantas vezes desejar seu criador. Assim, um momento que se foi no tempo, pode ser revivido ainda que não na sua integridade e, mais que isto replicado infinitamente. Portanto, mais que um componente essencialmente técnico dos conjuntos fotográficos, falar sobre o tempo na fotografia é enveredar por conceitos filosóficos e estéticos.

Nos eventos do Hip Hop a movimentação é intensa e acontece invariavelmente sob condições de luz bastante desfavoráveis. As situações geram grandes desafios técnicos, mas abrem espaço para bons resultados estéticos, como mostra a imagem abaixo. A figura 2 mostra uma ação em movimento de grande intensidade, de um Bboy, ou dançarino de rua, mas com seu flagrante registrado com a precisão instantânea promovida pelo congelamento desse movimento, em função de uso de tempo de exposição bem curto. Em outras palavras

por uma fração curta do segundo, que pode ser selecionado por conta da opção primária por um ISO bem alto, que por sua vez foi escolhido em razão da situação precária de luz no local.

Figura 2 - Foto com congelamentos de imagem



Fonte: Arquivo pessoal de Ricardo Pimentel, junho 2017.

Já a figura 3 abaixo, mostra uma segunda expressão de movimento possível de ser obtida na fotografia, com registro apresentando efeito de “escorrimento” em partes, ou no todo da imagem, em decorrência da opção estética de utilização técnica de tempo de exposição bem mais longo que o da captação congelada mostrada acima. O resultado é uma mistura de congelamento gerado por iluminação artificial de um flash eletrônico, associado ao registro da iluminação ambiente por conta do tempo de exposição longo, criando efeito de fluidez e grafismos formados com os pontos de luz presentes ao fundo escorrendo ao longo do plano de captura da imagem. Dos pontos de vista estético e conceitual, trata-se de uma opção que não deixa dúvidas quanto à presença de movimento de seu referente no momento de captura da imagem, além de adicionar uma boa dose de tensão e efeitos gráficos ao mesmo.



Figura 3 - Foto com efeito de “escorrimento” no movimento



Fonte: Arquivo pessoal de Ricardo Pimentel, setembro 2016.

4.3 O Campo Focal E A Influência Das Lentes Nas Imagens

Os olhos quando se dirigem a qualquer ponto aplicam foco, ou nitidez, neste ponto preciso. E apenas neste ponto, um de cada vez. Trata-se de um ajuste de distância que nossas lentes naturais fazem para enxergar com nitidez. Quando fotografamos, o conjunto fotográfico tem os seus “olhos” na lente que o equipa. Só que diferentemente dos olhos humanos, as lentes enxergam as imagens em planos de foco a cada distância ajustada através de um anel específico. As lentes têm também a capacidade de expandir este plano de foco para campos mais a frente e, principalmente mais ao fundo em relação ao plano onde o foco foi disposto inicialmente. Essa expansão se dá pela manipulação das aberturas da íris que cada lente possui, que fotograficamente chamamos cada um destes calibres como de “abertura de diafragma”. Quanto mais aberta a passagem através deste diafragma, menor será a expansão do campo focal e ele permanecerá como que projetado originalmente pela lente ao visor. Mas, conforme fechamos o diafragma para calibres menores, o campo focal vai se expandindo proporcionalmente para frente e, principalmente para trás do plano inicial de foco, fazendo com que algumas imagens possam ter foco desde o primeiro ao último plano



de suas cenas. O foco é algo inerente à própria visão natural e, por conseguinte, está presente em todas as imagens fotográficas, ficando a cargo de o fotógrafo decidir em qual plano da imagem colocará foco preciso e se captará suas imagens com expansão, ou retração do campo focal. Dessas decisões dependem a devolução em certa escala da tridimensionalidade perdida pela imagem capturada, propiciando ao fotógrafo manipulação da perspectiva da imagem, aumentando ou diminuindo seu campo de nitidez através das escolhas do diafragma, que será combinado ao tempo de exposição, para conferir imagens bem expostas junto ao ISO escolhido inicialmente.

Aos três conteúdos aparentemente exclusivos da técnica, mas que no fundo têm grande influência na linguagem fotográfica, vem se somar um conteúdo extraordinariamente impactante nas aparências das imagens. Trata-se do uso de diferentes lentes acopladas aos corpos das câmeras fotográficas. As lentes fotográficas são os olhos do sistema, pois são elas que enxergam e projetam as imagens sobre os captadores. E cada lente oferecida pelo mercado tem sua própria personalidade. Pode-se dizer que elas têm identidade própria, com nome e sobrenome, pois identificamos as lentes através de duas informações, a saber: a) comprimentos focais; b) aberturas máximas de seus respectivos diafragmas. A primeira identifica as lentes enquanto seus ângulos de visão. A segunda, pela capacidade que as lentes têm de transmitir luz com maior ou menor facilidade, o que altera sensivelmente a aparência das imagens projetadas por elas. Trocar de lentes, portanto, significa alterar consideravelmente o resultado final das fotos produzidas, pois cada uma que escolhermos projetará luz de uma maneira muito própria e peculiar. A troca de lentes permite que as aparências das imagens alcancem diferentes qualidades e características, adquirindo personalidade ao largo de certo padrão inerente à lente disponível. Este é, portanto, tema de máxima importância num curso fotográfico, ainda que não seja unanimidade nos programas pesquisados, como mostrou o quadro 1, anteriormente.



Figura 4 - Campo focal expandido: combinação de lente e diafragma



Fonte: Arquivo pessoal de Ricardo Pimentel, abril 2017.

As figuras dessa seção mostram as diferenças de aparências promovidas por diferentes lentes e seus respectivos campos focais projetados. As figuras 4 e 5 são exemplos de campos focais expandidos, ou ampliados, captados por lentes diferentes, porém ambos foram obtidos com operações de seus respectivos diafragmas bem fechados à entrada de luz, expandindo assim a presença de foco para vários planos da imagem. Esse efeito visual é inerente a determinados tipos de lentes fotográficas, em especial as lentes denominadas grandes angulares e configura-se como uma característica que os olhos humanos não possuem. São imagens que generalizam o campo de informação apresentado por elas, ou, em outras palavras, não particularizam nenhuma informação projetada, afastando os planos das cenas entre si, dando ideia de aumento da perspectiva.

Figura 5 - Exemplo de campo focal expandido



Fonte: Arquivo pessoal de Ricardo Pimentel, abril 2017.

Já a imagem da figura 6 que segue abaixo é exemplo típico daquilo que se denomina de campo focal restrito, ou crítico, neste caso mostrando o fundo bem anulado em foco, daí o “restrito” na sua classificação, o que promove o descolamento entre os planos da imagem, dando seletividade do olhar ao plano que possui mais foco. No caso, esta imagem foi obtida por lente teleobjetiva, que por sua característica produz os campos com máximas restrições, garantido principalmente pela operação de uma abertura bem ampla do diafragma da lente à entrada de luz. São imagens que, por seus campos de foco restritos a poucos planos, particularizam determinados referentes, ou informações, criando planos visuais que tendem a se aproximar entre si.

Figura 6 - Exemplo de campo focal restrito



Fonte: Arquivo pessoal de Ricardo Pimentel, abril 2017

4.4 A Composição E A Linguagem Fotográfica Atual

Hoje é possível dizer que a maioria dos habitantes das grandes metrópoles mundiais possui uma câmera fotográfica à sua disposição, acoplada ao seu telefone celular. Conjugados aos sites de redes sociais, o volume de produções e veiculações de imagens em postagens mundo afora explodiu. Como Bauman (2011) muito bem percebeu, quanto mais



as pessoas postam nas redes, não importando a qualidade dos conteúdos dessas postagens, mais chances elas têm de ganhar notoriedade, podendo vir a se tornar verdadeiras celebridades digitais. Muitos jovens artistas, não importando de qual tendência sejam, desejam muito isto. Para que sua produção visual melhore na qualidade e na intencionalidade temática, outro conteúdo recorrente e essencial é o que mostra noções básicas de composição de imagens, ainda mais considerando-se que nas câmeras instaladas em celulares os respectivos formatos de enquadramento continuam sendo retangulares, tal qual nas câmeras convencionais de todos os demais formatos que considerarmos. Assim sendo, as regras para distribuição de massas ao longo destes retângulos de enquadramentos continuam valendo também nas câmeras dos smartphones, numa demonstração de continuidade com a história da Fotografia. Contudo, numa autêntica demonstração de tendência geracional, algumas redes sociais de grande sucesso e penetração entre os jovens só aceitam imagens produzidas na orientação vertical de seus retângulos de enquadramento. Com isto, esses aplicativos acabam induzindo seus usuários a operar predominantemente suas câmeras nessa orientação, não importando o tipo de assunto fotografado.

Segundo Norman (2004, apud Teixeira, 2014) as emoções são valiosas para a vida cotidiana de todos os seres humanos. A utilidade e a usabilidade também o são, mas sem a diversão, o prazer, o orgulho e a excitação, além da ansiedade, da raiva, do medo, a vida seria incompleta. Junto com essas emoções existem outros aspectos tais como a estética, a atração e a beleza, que são igualmente importantes. E Suri (2004, apud Teixeira, 2014) defende que para se projetar com base na experiência do usuário é necessário entender sobre os seus hábitos. Isso demanda mais conhecimento sobre as atividades, sobre o trabalho mental e os sentimentos deles. É necessário ainda, com relação aos sentimentos, considerar as aspirações, os desejos e os valores relacionados com os objetivos que essas pessoas têm ao usarem tais produtos.

Transpondo estas reflexões para o objeto do curso a ser projetado, será necessária a compilação e percepção mais precisa possível de todos os detalhes que trazem motivação e



prazer aos indivíduos do grupo e que possam se transformar em temas de desenvolvimento de linguagens pessoais. Está-se projetando uma experiência voltada para públicos sedentos por informação e que detém um manancial inesgotável de criatividade e energia. Fazem questão de reafirmar seus valores culturais de tribo urbana, através de suas atitudes e aparência, procurando criar estilo único, tanto quanto possível. Então, outro conteúdo necessário fica sendo a dissecação das características estilísticas de fotógrafos referenciais das linguagens fotográficas em preto e branco e em cores, especialmente daqueles que tenham estilos pessoais documentais e ensaísticos voltados a temas de cunho social, como Henri Cartier-Bresson e W.Eugene Smith, além dos brasileiros Sebastião Salgado e Walter Firmo, apenas para citar alguns dos considerados fundamentais, sem contar outros fotógrafos mais contemporâneos e ligados a eventos alternativos, como os norte-americanos Brian “B+” Cross, Ricky Flores e Lisa Leone, além do brasileiro Rafael Freire, todos tendo seus trabalhos ligados às comunidades do Hip Hop.

Qualquer que seja, o fotógrafo buscará desenvolver diferenças linguísticas, as quais são obtidas a partir de suas decisões ao capturar diretamente as imagens – sejam elas em preto e branco ou à cores. Cada linguagem traz características bem marcantes e mais adequadas para cada situação, ou ensaio temático sobre o qual o fotógrafo esteja trabalhando. No caso da fotografia em preto e branco, por exemplo, uma delas é sua associação com um tempo passado, por conta de sua ligação com a origem do processo fotográfico. Já as cores aproximam a imagem da realidade da vida, sendo indispensáveis em diversas áreas da fotografia, como a de natureza para fins científicos, ou a publicitária, por exemplo, quando as aparências de seres vivos e produtos devam ser reproduzidas com máxima fidelidade. Estas duas principais vertentes linguísticas se ramificam em vários outros estilos, mas cada uma delas mantém características muito peculiares e que não podem deixar de ser analisadas separadamente.

Os jovens do momento, não importando a que classes pertençam, têm em mãos um instrumento validador e enriquecedor de informações e recorrem aos sites de busca para



checar uma informação que lhes tenha sido passada, seja em sala de aula pelo professor, ou por qualquer outro interlocutor cotidiano, no exato instante desta transmissão. Isto pode ocorrer em maior ou menor frequência dependendo da classe social a qual o indivíduo pertença, por conta dos planos de internet disponíveis, mas acontece em todas as camadas indistintamente. A Academia vem discutindo intensamente formas de reformar o modelo de ensino para se reaproximar deste jovem, que mostra cada vez mais desinteresse e resistência pelas relações da sala de aula em formato convencional. Descobrir as formas de motivar os estudantes dentro e fora de sala de aula tem sido um desafio disseminado pelo universo acadêmico e educacional. Nas escolas fala-se muito em diminuir a pretensa monotonia atribuída pelos alunos ao sistema tradicional de transmissão de conteúdos, com um professor discursando diante deles. Essa questão terá de ser levada em conta na elaboração do programa do curso projetado, já que a predominância dos públicos das Rodas Culturais em geral é predominantemente jovem e, inclusive, sujeito a problemas adicionais de evasão escolar por conta das condições sócio econômicas de suas famílias. O programa por conta disto, deve estar preparado para ser dinâmico ao máximo nas transmissões de seus conteúdos.

5 CONCLUSÃO

A partir do levantamento de dados que contemplou quinze cursos de fotografia apresentado neste artigo, foi possível observar e reunir uma série de informações, a fim de elaborar-se um curso rápido e num modelo diferenciado, qual seja de formato itinerante e voltado para um grupo num contexto específico: o da Roda Cultural do Terreirão. O levantamento apontou que a maioria dos cursos encontrados utiliza-se de câmeras acopladas a smartphones, o que vem corroborar com a necessidade de uma capacitação para os usuários destes equipamentos que já estão amplamente disseminados pelos diversos grupos urbanos, sem distinção de classe. Pode-se também observar que dentre os quinze cursos, apenas dois dispõem de câmeras propriamente ditas – muito embora os recursos encontrados nas câmeras acopladas em smartphones remetam à câmeras fotográficas propriamente ditas. Portanto, entende-se que os smartphones *carregam* de fato as *novas* câmeras, e especula-se que



venham a substituí-las mesmo em ambientes profissionais nalgum momento futuro, pois têm evoluído muito e rapidamente. O ambiente fotográfico é cada vez mais o ambiente digital-virtual e cada vez menos o ambiente dos suportes físicos tais como o filme, o papel, as impressões em suportes rígidos e o levantamento realizado sublinha isso. Se por um lado o ensino da fotografia, conforme levantado, prescinde dos suportes e equipamentos físicos, a compreensão dos conceitos básicos está atrelada à familiaridade com o passado desta técnica. Conforme posto, faz-se imprescindível a abordagem de conceitos como luz e tempo na fotografia, campo focal e composição – temas que não mudam jamais apesar da evolução tecnológica. Por fim, entende-se que o jovem da atualidade, denominado de nativo digital, encontra no seu smartphone não só uma ferramenta de comunicação mas um instrumento de diversão, trabalho e aprendizagem. Tendo a inquietude como um de suas principais características, esse jovem enxerga nos sites de redes sociais uma realidade que o impulsiona e motiva a manifestar-se de forma autoral e original, a fim de buscar reconhecimento e ampliar sua visibilidade. Portanto, o novo curso a ser formulado deverá ser pensado para este contexto a fim de criar um ambiente de aprendizado que seja motivador e estimulante.

Toda a simbologia percebida nos eventos e nas tribos que frequentam os eventos do Hip Hop também deverá ser considerada na formatação de uma metodologia pedagógica do curso oferecido, que terá como um de seus principais desafios alcançar e reter a atenção de públicos carentes de informação, mas que segundo Bauman (2011), por conta de sua juventude estão extraordinariamente expostos à tendência de dispersão e falta de concentração promovidas pelas redes sociais, que ganharam penetração justamente pela funcionalidade a praticidade dos aparelhos que lhe servirão como instrumentos de registros de imagens. Como se não bastasse, o curso deverá superar também desafios presenciais e, provavelmente fracassará, no caso de não oferecer passagens em transportes urbanos e lanches aos participantes. E isso não se dará por falta de interesse, mas pela absoluta carência de recursos que permeia as classes menos favorecidas.



No entanto, a comunidade percebe claramente o quanto a ferramenta digital que eles possuem em mãos se tornará ainda mais útil. E que, através dela, eles poderão eternizar de forma mais eficiente e perene extraordinários momentos criativos, que até então têm sido perdidos no espaço tempo.

ABSTRACT

This article presents part of the data collection for the master's research entitled "Memory of the Roda Cultural do Terreirão: visual training project to record the memory of a Rio de Janeiro Hip Hop event". The research was aimed at setting up an itinerary of photographic initiation course upon smartphone cameras, offered to the community of the Hip Hop Roda Cultural do Terreirão event, in the west of Rio. The purpose of the course was to preserve the visual memory of this event, through the training of participants, so that they could produce a collaborative image bank that would be a source of research and materials for the artistic dissemination of that community. This article presents data collected and systematized about programs of pre-existing photography courses that served to evaluate their contents and the best practices that could serve as a model for the proposed course project. In addition, the article will address other key aspects of photography education that remain intact despite mobile technology. The methodology applied to the collection of data was documentary research in programs of photography courses through the internet.

Keywords: Short photography courses. Smartphone cameras. Memory of the Roda Cultural do Terreirão.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BAUMAN, Z. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.
- BERTINI, A. *Economia da cultura: a indústria do entretenimento e o audiovisual no Brasil*. São Paulo: Saraiva, 2008.
- TEIXEIRA, E. A. S. *Design e interação*. Rio de Janeiro: 5W, 2014.



FREEMAN, M. *Curso de Fotografia: Luz e Iluminação*. Porto Alegre: Bookman, 2015.

Websites

EDUK (SP) - <https://www.eduk.com.br/>

Alura <https://www.alura.com.br>

Cara da foto <http://caradafoto.com.br/>

Saibalá <https://www.saibala.com.br>

Ateliê da Imagem (RJ) <https://www.ateliedaimagem.com.br>

SENAC (RJ) <https://www.rj.senac.br/cursos/fotografia/>

ABAF <http://www.abaf.art.br/index.php/cursos>

CIF Curso Itinerante de Fotografia <https://cif.46graus.com/>

Studio Escola Básico (MG) <https://www.studioescola.com/>

Studio Escola Completo (MG) <https://www.studioescola.com/>

Academia Olhares (Portugal) <https://olhares.sapo.pt/academia>

Prezi com Fernanda Eggers <https://prezi.com/16diqowdhgo/curso-de-fotografia-com-smartphone/>

Câmera Criativa (SC) <https://cameracriativa.com.br/>

Guaja (BH) <https://guaja.cc/cursos/>

WIS Educação (Vitória) <https://wiseducacao.com.br/>